



Sara Donaldson

O anonimato do preparador

Edição bilíngue



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Reitor: Mario Sergio Alves Carneiro

Centro de Educação e Humanidades

Diretor: Bruno Deusdará

Instituto de Letras

Diretora: Janaína Cardoso

Vice-diretora: Naira Velozo

Diretório Acadêmico Lima Barreto

Gestão Nosso Dalb

Laboratório de Publicações Lima Barreto

Coordenação: Anderson Pereira, Davi Pessoa, Iuri Pavan, Janir Rodrigues, Júlio Nogueira, Liciane Corrêa, Lucas da Silva Alves, Mauro Siqueira, Milene Couto, Nayana Ferraz e Phellipe Marcel da Silva Esteves

Comitê editorial executivo: Angela Baalbaki, Geraldo Pontes, Iuri Pavan, Júlio Nogueira, Mara Glzman, Maria Aparecida Salgueiro, Mauro Siqueira e Phellipe Marcel da Silva Esteves

Sara Donaldson

O anonimato do preparador

Tradução

Iuri Pavan

Phellipe Marcel da Silva Esteves

Selb

Rio de Janeiro, 2023

Copyright © 2023, Sara Donaldson.
Direitos reservados ao Laboratório de Publicações
Lima Barreto. É proibida a reprodução sem
autorização expressa da editora.

Edição: Iuri Pavan

Assistência editorial: Lucas da Silva Alves e Milene
Couto

Revisão: Lucas da Silva Alves e Milene Couto

Projeto gráfico e diagramação: Anderson Pereira e Iuri
Pavan

Design de capa: Selb

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SÍRIUS/NPROTEC

D676 Donaldson, Sara.
O anonimato do preparador / Sara
Donaldson ; tradução: Iuri Pavan, Phellipe
Marcel da Silva Esteves. – Rio de Janeiro:
Laboratório de Publicações Lima Barreto,
2023.
48 p.

ISBN 978-65-88808-70-2

1. Editores e edição. 2. Anonimato
(Direito). 3. Editoração técnica. I. Título.

CDU 655.28.022.8

Bibliotecária: Cintia Sales CRB7/6139

Laboratório de Publicações Lima Barreto
Rua São Francisco Xavier, 524 – Maracanã – Rio de
Janeiro, RJ – 20550-900

O anonimato do preparador

**As an editor
I often like
to remain
anonymous**

**Como
preparadora,
muitas vezes
gosto de ficar
no anonimato**

As a copy editor I feel that I'm just polishing the author's intentions and getting their 'real' story out there. We all know what it's like to be tongue-tied, that feeling that you know what you want to say but you just can't get it out. That's what I'm helping with. As a copy editor I know the constructions, the words and the layout. I know how to help. As that's my job I usually don't see the need for acknowledgement in a book I've worked on.

Sometimes this is because I feel I've done my job, been of help to a lovely author or publisher, and I prefer the anonymity.

Sometimes it's because so little had to be done to the text that I feel an acknowledgement isn't necessary.

Sometimes it's because the book isn't in my normal scope so professionally I don't need the

Quando trabalho na preparação de um texto, sinto que só estou lapidando as ideias do autor e trazendo à tona a sua história “de verdade”.

Todos sabemos como é ter as palavras na ponta da língua – aquela sensação de que sabemos o que dizer, mas não conseguimos dizê-lo. É aí que eu entro. Como preparadora, eu conheço as estruturas, as palavras e o formato do texto. Sei como ajudar. Essa é minha profissão, então geralmente não vejo por que ser creditada num livro em que trabalhei.

Às vezes isso acontece porque tenho a sensação de que meu trabalho foi cumprido, ajudei um querido autor ou editor, e prefiro o anonimato.

Às vezes é porque havia tão pouco a ser feito que não acho necessário ser creditada.

Às vezes, porque não é um tipo de livro com que eu trabalho,

acknowledgement (it might dilute my public professional goals).

Sometimes, very rarely, it's because the job was a nightmare and I don't want to be acknowledged for fear it will impact negatively on my professional standing. Examples are when the budget or timescale was so tight that only triage editing was possible and left behind a lot that I felt needed addressing. Or perhaps the author decided to ignore my suggestions. Or even added stuff to the final edited version after my input was finished (oh yes, it happens). It's very easy for an editor to be ignored and yet have their name on a final product that falls way beyond their normal standard.

And yet, most of the time, acknowledgements are not needed because I'm an editor, that's my job

então não faço questão do crédito – poderia atrapalhar meus objetivos profissionais.

Outras vezes, mais raramente, é porque o trabalho foi um pesadelo e não quero ser creditada por medo de que ele tenha um impacto negativo na minha carreira. Por exemplo, quando o orçamento ou prazo estavam tão apertados que só foi possível fazer uma edição superficial, deixando para trás muitas coisas que achei que precisassem de intervenção. Ou ainda quando o autor decidiu ignorar minhas sugestões. Ou até quando ele adicionou trechos ao arquivo final, depois que o meu trabalho estava feito (pois é, acontece). É muito fácil que um preparador seja ignorado e mesmo assim tenha seu nome atrelado a um produto que está muito aquém do padrão do profissional.

and as long as I have done a job well
I am happy with my lot.

E apesar disso, na maioria das vezes, créditos não são necessários, porque sou preparadora, esse é meu trabalho e, desde que eu tenha feito um bom serviço, estou satisfeita com aquilo que me cabe.

**But I'm
beginning to
wonder if the
anonymity
of editors is
becoming a
problem**

**Mas
começo a me
perguntar se
o anonimato
não está
virando um
problema**

I've seen this with my base profession. I trained as a librarian and information specialist. I spent my professional working life as an academic librarian explaining to people that no, I didn't just stamp books. A librarian is so much more: we train; we handle budgets; we collate, curate and keep vast collections; we deal with the public, students and academics; we disseminate information; we are academics, counsellors, psychologists, analysts, shopkeepers, managers, lifelong learners and gatekeepers of the world's knowledge. No, we don't just stamp books.

And yet, librarians are a dying breed. Due to their anonymous nature, and the belief that now the world has Google anyone can be an information professional, librarians are no longer seen as vital. Library assistants are

Já vi isso acontecer na minha carreira de formação. Sou bibliotecária e cientista da informação. Passei minha vida profissional como bibliotecária acadêmica explicando às pessoas que, não, meu trabalho não era só carimbar livros. Um bibliotecário é muito mais que isso: nós estudamos; cuidamos de orçamentos; reunimos, organizamos e preservamos coleções imensas; lidamos com o público, estudantes e acadêmicos; disseminamos informação; somos acadêmicos, conselheiros, psicólogos, psicanalistas, comerciantes, administradores, eternos estudantes e guardiões do conhecimento do mundo. Não, nosso trabalho não é só carimbar livros.

E mesmo assim bibliotecários são uma espécie em extinção. Por causa da sua natureza anônima e da crença de que agora que temos o Google todos podem ser cientistas

now running libraries. The librarian as we know it is endangered, as are the libraries they once ran and cherished.

da informação, bibliotecários não são mais considerados essenciais. Assistentes de biblioteca agora estão administrando bibliotecas. Os bibliotecários como os conhecemos estão ameaçados, assim como as bibliotecas que conduziam e apreciavam no passado.

**And the
same thing
could soon
be happening
to editors**

**E a mesma
coisa pode
acontecer em
breve com os
preparadores**

Because many of us don't feel the need for acknowledgement, either through author acks or being noted for our role somewhere in the book, the world is beginning to forget why we exist.

The market is saturated with books. How many of those publications are self-published without editorial help? We'll never know because copy editors are barely mentioned. The editor thanked profusely by the author in a traditionally published book is usually the publication editor who steers the project, the copy editor remains largely invisible.

I decided to pick ten random books from my shelf, to see if I was perhaps barking up the wrong tree. They are a mix of factual non-fiction, biography and fiction:

- Two had no acknowledgements at all.

Pelo fato de muitos de nós não fazerem questão de receber créditos, seja diretamente do autor ou numa menção ao nosso trabalho no livro, o mundo está começando a esquecer por que existimos.

O mercado está saturado de livros. Quantos desses são autopublicados sem tratamento editorial? Nunca saberemos, porque preparadores quase nunca são mencionados. Quem recebe os extensos agradecimentos do autor num livro publicado pela via tradicional é o editor, que coordena o projeto. O preparador permanece invisível na maior parte.

Decidi pegar dez livros aleatórios da minha estante para ver se eu estava reclamando de barriga cheia. Fiz uma mistura de não ficção, biografia e ficção.

- Dois não tinham nem créditos de nada.

- One praised an editor for meticulous and insightful editing.
- One, a massive historical tome, mentions everyone except the editor and indexer, both of whom must have worked their fingers to the bone.
- In one the proofreader was thanked, but not the copy editor.
- A design book gave thanks to designers but not the editorial staff.
- One thanked the publishing team as a whole, so that's ok.
- The last three gave no mention of the editorial staff at all.

That's 1/10 giving acknowledgement to the editor, two if we're feeling generous.

- Um exaltava o preparador por uma edição meticulosa e brilhante.
- Outro, um enorme tomo de história, mencionava todos, exceto o preparador e o indexador, que devem ter dado a vida pelo livro.
- Noutro, o autor agradeceu ao revisor, mas não ao preparador.
- Um livro de design agradeceu aos designers, mas não à equipe editorial.
- Um agradeceu à equipe editorial como um todo, então tudo bem.
- Os últimos três nem sequer mencionaram a equipe editorial.

Ou seja, de dez livros, apenas um creditou o preparador; dois, se quisermos ser generosos.

**But how
much of that
is down to
the copy
editor saying
no to being
acknowl-
edged?**

**Mas quanto
disso é culpa
do preparador
por recusar
ser creditado?**

O r not having any relationship with the author at all? And is it *really* cause for concern? Are book acknowledgements that important anyway?

Just like the internet quietly brought down librarians, it is potentially doing the same for copy editors. I've come across conversations where self-publishing authors have said they don't need to pay for editorial help when they have Hemmingway, Grammarly and spellchecks to do the job for them. Don't get me wrong, these are wonderfully useful, but you can't slavishly follow them, and using them instead of a professionally trained human editor is asking for trouble.

O u por não querer ligação alguma com o autor? Isso é *mesmo* motivo para se preocupar? Créditos editoriais são tão importantes assim?

Assim como silenciosamente desbancou os bibliotecários, a internet pode estar fazendo o mesmo com os preparadores. Já vi algumas conversas em que autores autopublicados disseram que não precisam contratar serviços editoriais quando existem aplicativos como o Hemmingway, extensões como o Grammarly e corretores ortográficos para fazer esse trabalho por eles. Não me entenda mal, elas são muito úteis, mas você não pode segui-las à risca – e usá-las no lugar de um preparador humano capacitado é dar sorte para o azar.

**So we come
back to
anonymity,
and we
have to ask
ourselves
these
questions**

**Então
voltemos ao
anonimato e
nos façamos
as seguintes
questões**

Are copy editors anonymous because:

- they really don't need to be acknowledged,
- they don't feel the need to be acknowledged,
- they're rarely asked if they want to be acknowledged,
- they don't want to be acknowledged,
- acknowledgements are personal for the author?

Should editors:

- make acknowledgement part of their contracts,
- broach the subject of acknowledgement with each new job,
- ask to be acknowledged,
- ask not to be acknowledged,
- expect to be acknowledged.

O anonimato dos preparadores de texto acontece porque:

- eles não precisam mesmo ser creditados,
- eles não sentem necessidade de ser creditados,
- eles raramente se perguntam se querem ser creditados,
- eles não querem ser creditados,
- os créditos e agradecimentos são decisão exclusiva do autor?

Diante disso, os preparadores devem:

- reivindicar os créditos em seus contratos,
- tocar no assunto a cada novo trabalho,
- pedir que sejam creditados,
- pedir que não sejam creditados,
- esperar que sejam creditados.

**And how to
move forward
doing a job
where many
of us prefer
to stay in the
background?**

**E como
prosseguir
enquanto
categoria se
muitos de nós
preferem os
bastidores?**

I expect that as time goes by, if we are to survive as a valued profession, we need to uphold professional attitudes, become ambassadors for plain, good quality written language and champion excellence wherever possible.

We may need to step out of the shadows and shout about what we do and why it is valuable before, like librarians, we are sidelined and people settle for ‘good enough’.*

* Publicado em *BookMachine*, 31 jul. 2017. Disponível em: <https://bookmachine.org/2017/07/31/anonymity-and-the-copy-editor-is-it-time-to-be-recognised/>. Acesso em: 15 maio 2023.

Acredito que, com o passar do tempo, se quisermos resistir como uma profissão valorizada, devemos cultivar condutas profissionais, nos tornar defensores de uma língua escrita clara, de qualidade e de excelência sempre que possível.

Talvez precisemos sair das sombras e gritar aos sete ventos sobre nosso trabalho e seu valor antes que, ao exemplo dos bibliotecários, sejamos postos de lado e as pessoas se contentem com textos minimamente passáveis.

**A leveza dos
livros leva
à ilusão**

Um objeto tão portátil, tão simples e óbvio, tão eterno, não há de ser produto de nada. Não há de ser produto de ninguém, se não da mente de seu autor. “Quem escreveu esse livro?” pode soar uma pergunta muito simples. Dada sua singeleza, o livro se descortina como se não houvesse bastidores.

Não é um rosto que se maquia e desmaquia em vinte segundos, como no teatro, demonstrando a impossibilidade de um agir só; de um ator ou uma atriz, além da interpretação da peça, se dedicarem àquilo que se altera em suas feições para além dos movimentos. Tampouco se compara a um carro, objeto enorme e pesado, que transparece já à primeira vista a impossibilidade de ser montado por um único sujeito. Há, portanto, complexidades mais explícitas que outras.

O bom e velho Marx afirma:
“O que o trabalhador troca com o

capital é seu próprio trabalho (na troca, a disponibilidade sobre ele); ele o aliena”, de modo que esse sujeito se comporta como se seu trabalho lhe fosse “propriedade alheia” (Marx, 2011 [1857-1858], p. 253), como se não lhe pertencesse. Sendo o trabalho a única posse do trabalhador, significá-lo como propriedade de outrem, propriedade do capital(ista), é destituí-lo de tudo.

As formas de objetivar o trabalho do trabalhador, extraíndo dele a subjetividade, não são banais. Não se trata de procedimento simples do ponto de vista do capital. Antes de qualquer coisa, torna-se o trabalhador “parcial”, retirando dele possibilidades de movimento e liberdade corporal: “um trabalhador que, durante sua vida inteira, executa uma única operação transforma todo o seu corpo em órgão automático especializado dessa operação” (Marx, 2006 [1867], p. 394).

Tal automatização é inculcada no sujeito e já tira dele o laço com o próprio corpo durante a prática laboral.

Há atividades profissionais em que essa subtração de traços humanos em prol do acréscimo de partes máqunicas é mais proeminente do que em outras. Maquiadores de peças teatrais – artistas da cena – são (ligeiramente) notados, e há até mesmo reality shows espetacularizando seu trabalho. Há também toda uma história do movimento operário baseado nas reivindicações de trabalhadores da indústria automotiva. O peso de ambas as atividades, em suas incongruências e desproporções, e também em sua desvalorização, é *visível*.

O que queremos dizer é que a alienação no trabalho ocorre em qualquer área, mas é assimétrica. É o que aponta o breve ensaio de Sara Donaldson. Na divisão do

trabalho intelectual de produção de um livro, há um deslizamento entre as questões “Quem é o autor desse livro?”, “Quem escreveu esse livro?”, “Quem fez esse livro?”. Há muitas possíveis respostas para as três, mas a dominante quase sempre coincide com o nome próprio impresso na capa, ignorando os processos editoriais e gráficos inerentes à execução desse aparentemente débil volume.

Sara, autora e editora, ficou perplexa diante do nosso pedido de autorização de tradução e publicação de seu texto. Mas o lançamento se justifica exatamente por mostrar, de forma espontânea, como a falta de crédito aos serviços do fazedor do livro – e aí podemos pensar metonimicamente em tradutores, editores, produtores editoriais, revisores, preparadores, copidesques, indexadores, capistas, diagramadores, ilustradores,

impressores, livreiros etc. – se configura uma alienação no nível do discurso.

Esperamos que, com este livreto, possamos dar a oportunidade de o leitor pensar mais em invisibilidades, anonimatos, exploração... e, ao fim e ao cabo, em resistência.

Phellipe Marcel da Silva Esteves

Professor da Universidade
Federal Fluminense. Pai, autor,
tradutor, editor, entre tantas outras
atividades invisibilizadas.

Referências

- Marx, Karl. *O capital*: livro I. Trad. Reginaldo Sant'Anna. 23. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006 [1867].
- _____. *Grundrisse*. Trad. Mario Duayer, Nélcio Schneider, com a colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011 [1857-1858].

**Sobre a
autora**

Sara Donaldson é uma editora de texto freelancer chegada em histórias misteriosas. Faz parte do Chartered Institute of Editing e Proofreading como *advanced professional member*. Quando não está preparando uma gama de livros (a maioria de não ficção), está no teatro da sua cidade na Escócia produzindo e divulgando workshops para mais ou menos noventa crianças numa sexta à noite.

Sobre o Selb

Nossos livros

II Concurso Literário LerUERJ

Fernanda Cerqueira e Larissa Ramos
(organização)

Laboratórios de edição no Brasil

Sandra Santos

A pátria portátil

Alejandro Dujovne

Tradução: Joyce Palha Colaça e Phellipe
Marcel da Silva Esteves

Coedição: Arquivo dos Livros e Mórula
Editorial

Nossas redes

Facebook e Instagram @selb.lab

LinkedIn e YouTube @selb-lab

Foi de um trio de graduandos em Letras que partiu, em 2015, a iniciativa de inaugurar, no Instituto de Letras da Uerj, um espaço de formação em edição e produção editorial. Daí surgiu o atual Laboratório de Publicações Lima Barreto (Selb), projeto composto por estudantes, professores e técnicos desde a sua fundação. Em 2023, ano de publicação deste livro, o Selb comemora oito anos de atividade e cinco anos de sua institucionalização como projeto de extensão da Uerj.

Formato: 10 × 14 cm

Tipologia: Barlow Condensed Black (olhos) e Libre Baskerville (texto)

Impressão: Arquivo dos Livros (UFF)

Papel: marfim 75 g (miolo), vergê 150 g (capa) e vegetal 112 g (cinta)

“O mercado está saturado de livros. Quantos desses são autopublicados sem tratamento editorial? Nunca saberemos, porque preparadores quase nunca são mencionados. Quem recebe os extensos agradecimentos do autor num livro publicado pela via tradicional é o editor, que coordena o projeto. O preparador permanece invisível na maior parte.”

Tradução

Iuri Pavan

Phellipe Marcel da Silva Esteves

ISBN 978-65-88808-70-2



9 786588 808702 >